

## PREFÁCIO

Introduzo uma reflexão sobre literatura e sagrado, o tema fundamental da presente publicação e do próprio GT Literatura e Sagrado, com a conclusão de artigo publicado em 2003:

A vida profana, cuja apreensão do espaço é fragmentária, apresenta-se homogênea na sua indistinção. Esta corresponde às características postuladas para a pós-modernidade, mantendo a relatividade do espaço, feito da massa amorfa de uma infinidade de lugares. A poesia, a grande poesia, mesmo se aparentemente profana e laica, mesmo quando o poeta é ateu, apresenta os traços de uma experiência sintetizada, essencial. O centro aglutinador desta experiência essencial transcende os limites do tempo e da duração, das circunstâncias, da história.

Carlos Drummond de Andrade (CDA) usa o discurso apofático, a temática da humildade e da vida menor, reafirma a vida, constrói a utopia de algo que corresponde não explicitamente a alguma salvação. Constrói rituais a partir de repetições e organiza o caótico e fragmentário pelo vértice da esperança. E é na dialética entre eu-lírico e outro, entre realidade externa e interna, entre confronto, limite e superação, entre desesperança e esperança na vida, sempre reafirmada, que a lírica de CDA na sua circularidade e reversibilidade, constrói uma hierofania. (SPERBER, 2003, p. 898)<sup>1</sup>

A citação corresponde a uma preocupação que, ainda que pudesse parecer resolvida, se recoloca a cada momento: encontramos manifestações do sagrado apenas em textos de cunho religioso? Ou manifestações desta natureza ocorreriam somente em textos de autores religiosos? Teólogos? Místicos? Filósofos?

A filosofia pode viabilizar um modo de dizer e compreender alguns trechos de obras de arte que trabalhem com palavra. Mas já daria menos conta do recado ao trabalhar com pintura, escultura, arquitetura. Mesmo trabalhando com ficção em prosa ou poesia, a filosofia pode levar a equívocos – e/ou a eventuais reduções – ao considerar que um determinado sistema filosófico pudesse dar conta de explicar uma obra literária. Benedito Nunes, em *Filosofia e Literatura*, faz um traçado histórico-cultural das relações entre os dois modos de conhecimento que, no interior da filosofia platônica, surgiram em confronto – “Arthur Danto não exagera ao afirmar que a Filosofia começou definindo-se através da supressão da poesia”. Suprimindo a poesia, justamente aquilo que corresponde à essência literária se perderia.

Quanto à possibilidade do “enquadramento filosófico da pesquisa literária”, [Benedito Nunes] conclui que o diálogo entre os dois

---

<sup>1</sup> SPERBER, Suzi F. “O espaço do sagrado e a poesia: A outra margem de Drummond” In. Edilene MATOS; Maria Neuma CAVALCANTE; Telê Ancona LOPES, Yêdda Dias LIMA. Orgs. *A presença de Castello*. São Paulo: Humanitas, 2003, p 887-898.

domínios – o poético, que “faz ver, mostra, não especula”, e o filosófico, que “interroga, ordena conceptualmente, estabelece conclusões plausíveis” - é possível no campo da interpretação literária, mas envolve riscos. O primeiro a ser evitado é justamente o de buscar “conceitos instrumentais na Filosofia para o exercício de uma pretensa Crítica Filosófica, que tentaria estudar a obra como ilustração de verdades gerais”. O segundo risco - ou a segunda “falácia” – estende-se na verdade a todos os campos metodológicos quando buscam num determinado sistema a “decifração” completa da obra. (NOGUEIRA, 2004, p. 36)<sup>2</sup>

Ao pesquisar livros lidos por João Guimarães Rosa, livros que, para facilitar, incluí numa categoria – espiritualidade – verifiquei que as ideias referentes a sistemas filosóficos, umas mais, outras menos, podem se estender por toda a obra de Guimarães Rosa, mas sempre transformadas e apropriadas pela ficção. A filosofia de cunho metafísico passa a ter acentuado encaminhamento para o valor estético, ou ético, além do próprio metafísico, prevalecendo, contudo, o valor estético. A partir desta constatação, ficou-me claro que é nos aspectos estéticos que reside o sagrado. Qualquer que seja a arte em questão, é o engendramento da beleza que se impregna de uma dimensão que vai além da contingência e da imanência.

Propus, ao estudar poemas de Carlos Drummond de Andrade, como se lê na citação acima, que podemos encontrar o sagrado em obras literárias de autores declaradamente ateus. Como sucede este fenômeno? Por quê? Para começar a responder a estas duas perguntas, recorro a Tillich: “Religión es la sustancia de la cultura y cultura la forma de la religión” (Tillich, 1919: 84<sup>3</sup>, apud Langenhorst, 2011, p. 151 e 172). O olhar de Tillich parte da teologia e se espanta que a literatura ofereça material para a teologia:

Para Tillich era claro en este contexto que también “imágenes, poemas y música” pueden ser objetos genuinos de la teología, pero no explícitamente “bajo el punto de vista de su forma estética, sino en relación a su capacidad de expresar, en su forma estética, ciertos aspectos de aquello que necesariamente nos concierne”. Dicho de forma positiva: “el análisis de la situación humana se sirve del material que la autointerpretación humana ha elaborado en todos los campos de la cultura. La filosofía aporta a ello” – y ahora explícitamente nombrada – “también la poesía, la literatura dramática y épica”. Entonces, la literatura, siendo “algo pasajero” es parte “de la autointerpretación humana” y por eso, objeto del análisis teológico, porque ayuda a iluminar la situación humana como campo de

---

<sup>2</sup> NOGUEIRA, Erich Soares. *Percepção e experiência poética: estudo para uma análise de "Campo geral", de J. Guimarães Rosa* - file:///C:/Users/Usuario/Downloads/NogueiraErichSoares.PDF

<sup>3</sup> TILLICH, Paul: „Über die Idee einer Theologie der Kultur“ 1, 1919, Em TILLICH, Paul. *Die religiöse Substanz der Kultur*. Schriften zur Theologie der Kultur. Gesammelte Werke Bd. IX, tStuttgart 1967, 13-31.

interrogantes al cual el mensaje cristiano da respuestas confiables. (LANGENHORST, 2011, p. 173)<sup>4</sup>

A teologia se serve, então, da literatura para localizar respostas para as interrogações que a existência humana se coloca, tais como o mistério da vida e da morte, o mal no mundo – e seu oposto, o bem - os conflitos, as dúvidas, a angústia, o amor, o ódio e a dor. A literatura, oferecendo material para os estudos teológicos, pode-se retroalimentar com tratados teológicos e filosóficos. Permanecendo como referência em si, como resposta em si, visto refletir de alguma maneira a vida humana. O norte acaba sendo a esperança, para que se saiba que a vida não é ou foi vivida em vão e que seu sentido – mesmo que tardio, mas cuja ressignificação liberta quem viveu os acontecimentos narrados – sirva para outrem. (SPERBER, 2009, p. 583).

O sagrado introduz a cunha da esperança (a encarnação, a redenção, a transformação tornada possível, a comunhão, o perdão), juntamente com a fé e a caridade (em termos cristãos, mas com equivalentes em outras religiões). – e a fraternidade!, como ensina Arturo Gouveia. Esta é uma característica relevante do GT Literatura e Sagrado: não excluir religiões, espiritualidades, crenças, enfim, acolhendo a todas contanto que estudadas a partir de obras literárias. Ou de outras obras de arte, associadas à literatura. Interessa o estudo das manifestações de sagrado na cultura – pela via literária ou com aproveitamento da literatura.

Ao fazer esta afirmativa, reconheço que de um modo geral os pesquisadores relacionados ao GT acreditam na capacidade de inovar, de recriar do ser humano, ou estudam suas dificuldades. Acreditam que o ser humano nunca está completamente cristalizado pelo passado, pela contingência – ou ficam atentos para manifestações contrárias.

Sem dúvida a literatura constrói uma memória, que pode recordar o que de alguma forma se sabe, racionalizando a existência; ou lembrando do esquecido pela história dominante, ou dando sentido ao mundo dos vencidos graças a uma dimensão simbólica da realidade, da diferença, da alteridade.

Em Levinas, a história se estrutura a partir de um “para além da lembrança”. É como se toda a humanidade estivesse incluída numa história não rememorável: aquela das provações da escravidão e da libertação da escravidão. A memória seria, então, a “compaixão por todos os dominados e todos os danados da terra, bem como o faro especial para esta danação, fato este que os próprios danados são levados a esquecer”. (LEVINAS, 1988, p. 91). É uma passagem do não sentido ao sentido. Esta é uma possibilidade do humano que estrutura a própria história.

---

<sup>4</sup> LANGENHORST, Georg. “Theologie und Literatur: Geschichte, Hermeneutik, Programm aus europäischer Perspektive.“ Em *Só poetas. Múltiplas relações entre poesias e teologias. Revista Brasileira de Literaturas e Teologias*. Vol. 1, nº 1, 1 semestre 2011. ALALITE, p.148-185.

Na medida em que somos capazes de dar um sentido à contingência, de mudar relativamente o passado, inovamos, nos projetamos, esperamos, desejamos. O trabalho de pesquisa e reflexão daqueles engajados no GT Literatura e Sagrado tem se pautado em torno das preocupações acima – ou paralelas a elas.

*Suzi Frankl Sperber*